

O PROBLEMA SOCIOLINGÜÍSTICO DOS EMPRÉSTIMOS: ALGUNS ASPECTOS NO INGLÊS

Paulo A. Froehlich *

FROEHLICH, Paulo A. O problema sociolingüístico dos empréstimos: alguns aspectos no inglês. *Alfa*, São Paulo, 24:73.92, 1980.

RESUMO: O autor propõe mostrar neste trabalho os aspectos básicos dos empréstimos. Enfatiza-se como os diferentes tipos de contato entre as nações envolvidas no processo de empréstimo, e como o nível cultural de cada povo exerceu uma grande influência no mecanismo de adoção dos empréstimos. Focaliza o problema no inglês desde a época celta até o período normando. É uma tentativa de escrever uma história cultural através dos empréstimos.

UNITERMOS: Empréstimo; Contato cultural; Difusão; Conquista; História cultural.

(I) INTRODUÇÃO

Os empréstimos têm sido considerados por muitos pesquisadores como os marcos da filologia pois permitem-nos indicar com certa margem de precisão, as épocas em que ocorreram determinadas mudanças lingüísticas. Entretanto, como não estamos, neste trabalho, diretamente interessados em dados filológicos, esta colocação tem um valor relativo, embora importante, e utilizaremos os dados filológicos

somente quando necessário para algum esclarecimento.

Otto Jespersen (4) diz que “quando duas línguas não apresentam qualquer traço de intercâmbio de empréstimos, de uma forma ou de outra, isto nos mostra com segurança que essas nações não tiveram nada uma com a outra” (p.27). Isto nos mostra que o conceito estruturalista de língua como uma estrutura auto-suficiente e fechada (5, p. 3-31), é apenas relati-

* Professor Titular do Departamento de Lingüística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras, História e Psicologia, Campus de Assis, UNESP.

vamente verdadeiro. Especialmente em relação ao vocabulário, todas as línguas do mundo dependem de outras línguas, embora o grau de dependência possa variar de muitas maneiras.

A Linguística Histórico-Comparativa, que se desenvolveu principalmente durante o século XIX, criou um grande número de conceitos que funcionam dentro do mecanismo da teoria historicista, mas que muitas vezes não estão de acordo com a realidade linguística. Conceitos tais como proto-língua, língua-mãe, língua-filha, língua arcaica, língua medieval, e o próprio conceito de língua, como um todo homogêneo e uniforme, realmente "uma entidade que se conceitua como fora do tempo, não dialetal e não fonética" (6, p. 139) ignorando-se, pois, as influências estrangeiras. Forrest (2, p. 118-21) mostra que línguas tão separadas culturalmente como as mais antigas línguas indo-europeias e as antigas línguas chinesas, poderiam ter tido contatos culturais de determinados tipos. H. A. Giles, já há muito tempo tinha sugerido uma origem grega à palavra chinesa *p'u t'ao* "uvas", especialmente porque o cultivo da uva poderia ter sido introduzido na antiga China através do reino grego da Bactria, pois as uvas foram introduzidas na China só no século II AC, provenientes da Ásia Central. Também foram sugeridas como empréstimos de línguas indo-europeias as seguintes palavras chinesas: *shi* "leão", de origem persa, pois a forma persa é *shir*, e os leões não são nativos na China e

há muita probabilidade de terem sido importados; *mi* "mel", chinês arcaico *miet*, da forma grega *meou*, ou de alguma outra língua indo-europeia desconhecida, principalmente porque a apicultura nunca foi uma atividade típica dos chineses; *ch'yan* "cão", chinês arcaico *k'jwen*, grego *kuon*, Tocário *ku*; *ma* "cavalo", antigo alto alemão *marah*, pois o cavalo caracterizou os primitivos indo-europeus; *jen* "ganso selvagem", chinês arcaico *jan*, grego *en*. Essas palavras podem ter sido importadas dessas línguas indo-europeias, especialmente se nos lembrarmos que o tocário foi falado na Ásia Central até aproximadamente o século VII da nossa era, e o sogdiano, um dialeto persa antigo, foi falado até o século XIV na região de Kansuh, China. Outros empréstimos podem ter sido introduzidos mas não há possibilidade de serem identificados, especialmente porque não há no chinês nenhum som ou grupo de sons que possam identificá-los como empréstimos. Também decorre da grande dificuldade de identificação dos diferentes sons no chinês, em virtude da mínima preocupação, na escrita chinesa, em gravar os sons. É também possível que palavras chinesas tenham sido adotadas pelos antigos indo-europeus, mas não há provas nem estudos nesse sentido.

L. Bloomfield, no seu livro *Language* (1) afirma: "Toda comunidade linguística aprende de seus vizinhos. Objetos, tanto naturais como manufaturados, passam de uma comunidade para outra, como também padrões de comportamento, tais como procedimentos técnicos,

práticas guerreiras, ritos religiosos, ou modas de conduta individual. Esta propagação de coisas e hábitos é estudada pelos etnólogos, que a chamam de difusão cultural... Junto com objetos e práticas, as formas faladas através das quais são chamadas, geralmente passam de pessoa a pessoa" (p. 445).

O que é corroborado também por Jespersen:

"Quando uma nação produz algo que os seus vizinhos consideram digno de imitação, eles adotarão, não apenas o objeto mas também o nome" (4, p. 28). Depois ele acrescenta: "Mas se tiveram contato, o número dos empréstimos e ainda mais a qualidade dos empréstimos, se corretamente interpretados, nos informarão sobre suas relações recíprocas, mostrarão qual dos dois foi mais fértil em idéias e em que domínios da atividade humana cada um foi superior ao outro" (4, p. 27).

Esta citação é o ponto de partida básico para o nosso trabalho: analisar os empréstimos estruturalmente em grupos, de acordo com sua "qualidade" inerente, e utilizar, tanto quanto possível, as modernas conquistas da sociolingüística, para mostrar como os diferentes tipos de contato entre as pessoas das nações envolvidas no processo de empréstimo, e como os sistemas sociais de cada povo influíram no mecanismo de adoção dos empréstimos. Ao lado disso temos que reconhecer o valor condicionante e determinante da situação do empréstimo.

É também fundamental ao problema do empréstimo o processo de transmissão do mesmo. Em princípio, todo falante, e em âmbito maior, cada grupo social atua como imitador e modelo, é um agente no processo de transmissão e adoção. O processo de empréstimo de formas lingüísticas não funciona desordenadamente. Ele funciona principalmente de forma unidirecional: um falante adota elementos novos de determinadas pessoas mais do que outras, e o fato importante neste processo é o desenvolvimento de formas inovadoras em áreas cada vez mais extensas.

Mesmo nos casos de conquista militar, quando surge uma situação de antagonismo e separação entre os dominadores e os dominados, com o tempo surgem pontos de contato e aqueles intermediários de provocação a adoção de determinadas formas lingüísticas dos dominadores pelos dominados. Esses intermediários terão que aprender e ter um certo domínio da língua dos dominadores para que haja um princípio de comunicação. De uma forma ou de outra, eles dependem dos dominadores. A capacidade dos intermediários de aprender a língua dos dominadores depende, em grande parte, das semelhanças ou diferenças estruturais entre as duas línguas, especialmente no que se refere ao vocabulário e traços fonéticos. Fatos como o número de sílabas, a ordem dos fonemas e o tipo de fonemas podem criar obstáculos, nos casos de muita diferença, mas sempre há possibilidades de adaptação ao sistema da língua receptora, pois todas as línguas humanas apre-

sentam uma certa semelhança na base articulatória.

Outro ponto importante é a atitude entre dominados e os dominadores. Isto já está implícito quando falamos acima, dos intermediários. Se a atitude de antagonismo é muito forte, as duas populações podem viver por longo tempo quase sem contato algum. É o que aconteceu, por exemplo, logo após a conquista normanda da Inglaterra; o grande afluxo de palavras francesas começa somente depois de decorridos aproximadamente dois séculos de dominação, quando as duas populações já não se hostilizavam tanto, dando lugar à comunicação e fusão das duas populações.

Ainda dentro desse problema de atitude, devemos também levar em conta o fator cultural. Uma conquista militar pode subjugar um determinado povo, mas se o nível cultural dos dominadores não for superior ao dos vencidos, estes podem, com o tempo, contribuir com muitos elementos na língua dos dominadores. Mas se os dominados não são capazes de apresentar uma superioridade cultural, é a língua dos dominados que receberá um apreciável contingente de empréstimos da língua dos dominadores, especialmente nas atividades e produtos desconhecidos para eles, e para os quais não possuem um correspondente nativo (3, p. 208-9). É claro que há inúmeras variações, pois cada língua é um problema específico; não podemos incluir todos os detalhes nas afirmações gerais.

Finalmente, temos o problema das classes morfológicas dos em-

préstimos e sua significação em relação ao tipo de relacionamento das populações envolvidas. A tendência geral é sempre emprestar palavras de categorias nocionais, como nomes, verbos, e poucas palavras de categorias relacionais, como pronomes, preposições, auxiliares, mas há alguns casos de ocorrência desse tipo e isto pode ser analisado como um fator dentro do problema do tipo de relacionamento.

(II) OS EMPRÉSTIMOS NO INGLÊS

(1) Os Empréstimos Celtas

(a) Histórico

Depois de terem dominado a Europa Central e Ocidental desde 500 AC até aproximadamente 100 AC, os celtas foram paulatinamente dominados pelos romanos e pelos nórdicos. Júlio César realiza a conquista das Gálias entre 58 e 51 AC, e o imperador Cláudio inicia a conquista da Inglaterra no ano 43 AD, e em poucas décadas completa a ocupação com exceção das montanhas de Gales e do montanhoso norte da Escócia. Os celtas tinham uma estrutura de clã, a justiça era a justiça do clã; os reis celtas eram chefes tribais e não territoriais e viviam em constante luta uns com os outros. A agricultura era quase desconhecida. De modo geral, os celtas representam a civilização da idade do ferro, conhecida como a cultura La Tène. As principais preocupações dos celtas eram a caça, pesca, alguma tecelagem, apicultura, trabalho de ferro e de carpintaria, pastoreio, e principal-

mente a guerra. As suas habitações eram de madeira e de frágil estrutura. A partir do ano 43 AD o sul da Inglaterra, conquistado pelos romanos, foi submetido a uma civilização romana urbana, mas que predominava somente dentro dos muros das pequenas cidades e fortes. Com a vinda dos anglo-saxões, ela foi totalmente destruída. Antes mesmo da invasão dos anglo-saxões, com a retirada das legiões romanas, por volta do ano 429, essa frágil civilização romana começou a ser destruída pelo tribalismo celta.

Em decorrência da conquista anglo-saxônica e conseqüente contato entre as duas raças, deveríamos esperar um número razoável de empréstimos celtas. Entretanto, a única influência apreciável se revela através dos topônimos. Fora dos topônimos, os termos de origem celta no inglês antigo são raríssimos. A razão dessa situação é que o relacionamento entre os povos nórdicos e celtas sempre foi, por parte dos celtas, a de uma raça subjugada, e também porque os celtas não tinham quase nenhuma possibilidade de fazer qualquer contribuição importante à cultura nórdica. Não havia nada ou quase nada que induzisse a classe dominante dos nórdicos a aprender a língua dos nativos culturalmente muito inferiores. Verificamos, portanto, que os pouquíssimos empréstimos celtas ocorreram através dos topônimos e em pouquíssimas situações de contato cultural, onde os nórdicos puderam adotar os nomes de uns pouco objetos de uso dos celtas.

(b) Empréstimos

1. *Topônimos* — *Kent* — origina-se de uma designação tribal celta *Canti*, cujo sentido é desconhecido; *Devon*(shire) — também um nome tribal; *Corn*(wall) — designa os celtas cornúbios; *Cumber*(land) — significa a terra dos cymry ou bretões; *Londinium* é uma latinização de um radical celta, que evoluiu depois para *London*; os primeiros elementos dos nomes das seguintes cidades é também celta: *Win*(chester), *Glou*(cester), *Dor*(chester), *Man*(chester), *Lan*(caster), *Lei*(cester), *Wor*(cester), *Brom*(wich), *Har*(wich), *Lin*(coln); e todo o topônimo das seguintes duas cidades é totalmente de origem celta: *Wight* (Vectis), e *York* (Eburacum).

Há também alguns nomes de rios: *Exe*, *Thames*, *Dover*, *Wye*.

2. *Palavras* — *binn* “cesta, berço”, *bratt* “casaco”, *broc* “venda de olhos”, *crag* “lago”, *cumb* “vale”, *bannock* “bolo de aveia”. Mas mesmo esses termos tiveram frequência muito limitada, ou eram circunscritos a uso regional.

(2) Os Empréstimos Latinos Primitivos

(a) Histórico

Os primeiros contatos entre os romanos e as tribos nórdicas ou germânicas iniciaram-se por volta do último século antes da era cristã. Durante essa época, várias tribos nórdicas atravessaram o rio Reno e se estabeleceram dentro do Império Romano. Houve muita

luta entre os romanos e essas tribos, mas também muitas relações pacíficas, especialmente relações comerciais. As condições de vida dos povos nórdicos no começo da era cristã assemelhava-se, de modo geral, aos dos indo-europeus das idades do ferro e bronze. Viviam em casas de pau a pique cobertas com barro, agrupadas em pequenas vilas. Tinham uma agricultura relativamente desenvolvida. Os meios de subsistência eram: cereais, caça, leite coalhado, cerveja feita de cevada ou trigo, vinho importado dos romanos, e também o hidromel. Como vestimenta usavam simples peles. Usavam espadas de um e dois gumes, escudos, malhas e capacetes. Eram governados por reis, escolhidos de famílias nobres. Os casamentos eram geralmente por compra, pago em espécie, e o adultério era castigado severamente. Cremavam os mortos e tinham vários deuses. Desenvolviam muito a poesia e o canto, apreciavam os contos heróicos, e davam muita importância à honra, e à lealdade. A sua religião consistia na narração de feitos heróicos mitológicos, práticas de encantamentos, através de amuletos, as runas.

(b) Empréstimos

Um dos empréstimos mais antigos foi a palavra para vinho (inglês antigo *win*, gótico *wein*, alemão antigo *win*). Esta palavra foi introduzida pelos romanos, mas na realidade é uma palavra de origem não indo-européia, provavelmente de alguma língua mediterrânea ou caucasiana. As seguintes formas são algumas das mais significativas: georgiano *kvino*, etrusco *vinu*, ar-

mênio *gini*, galês *gwin*, bretão *gwin*, latim *vinum*. Provavelmente o georgiano *kvino* pode ser a fonte, ou pelo menos, uma das formas mais arcaizantes, devido à sequência inicial *kv-*. Pode também ter se originado de alguma outra língua desconhecida. Além do georgiano, as formas celtas *gwin*, e o armênio *gini* são algumas das formas mais arcaizantes. Além do vinho propriamente dito, verificamos todo um grupo de empréstimos latinos relacionados com o cultivo, comércio e uso do vinho: inglês antigo *calic*, antigo alto alemão *kelih* (alemão moderno *Kelch*) "cálice, taça"; os comerciantes de vinho romanos, os taverneiros eram os *caupones*, donde o inglês antigo *ceapian*, antigo alto alemão *koufen* "comprar", e o inglês antigo *ceap*, inglês moderno *cheap* "barato", holandês moderno *goed-koop* "bom negócio, troca"; inglês antigo *must*, do latim *mustum vinum* "vinho novo"; inglês antigo *flasce* "frasco, garrafa", do latim vulgar *flasca* "garrafa de vinho"; inglês antigo *cylle* "garrafa de couro" (para vinho), do latim *culleus* "frasco de couro para vinho".

Também observamos alguns empréstimos referentes à guerra: inglês antigo *camp* "batalha", antigo nórdico *kapf*, antigo alto alemão *kampf* "batalha, luta", do latim *campus* "campo, campo de batalha", inglês antigo *weall*, frisão antigo *wal* "palissada de defesa", saxão antigo, médio alto alemão *wal* "muralha, dique", do latim *vallum* "palissada"; inglês antigo *stræet* "estrada, rua", antigo alto alemão *strâzza* "estrada", do latim *via strata* "estrada pavimentada"; in-

glês antigo *mil* "milha"; antigo alto alemão *mīla* "milha", do latim *mīlia passum* "mil passos".

Empréstimos relacionados com o comércio: inglês antigo *mangian* "comerciar", antigo alto alemão *mangōn* "tratar de comércio", na antiga cidade de Colônia, *mangō* "comerciante, comerciante de escravos", do latim *mangō* "vendedor que engana, comerciante de escravos"; inglês antigo *mynet* "moeda", antigo alto alemão *muniza* "moeda", do latim *moneta* "moeda, lugar de fazer moedas"; inglês antigo *pund*, antigo alto alemão *pfund* "libra", do latim *pondo* "com peso de libra".

Empréstimos relacionados com a vida doméstica: inglês antigo *cytel* "chaleira, recipiente fundo", antigo nórdico *ketil* "chaleira", do latim *catillus*, diminutivo de *catinus* "recipiente grande e fundo"; inglês antigo *cycene* "cozinha", antigo alto alemão *kuchīna* "cozinha", do latim *coquina*, de *coquere* "cozinhar"; inglês antigo *coc* "cozinheiro", antigo alto alemão *kochōn* "cozinhar", do latim *cocus*, *coqus* "cozinheiro"; inglês antigo *cuppe* "taça", antigo alto alemão *kopf* "taça", do latim vulgar *cuppa*, latim *cūpa* "casco, barril"; inglês antigo *disc* "prato", do latim *discus* "prato"; inglês antigo *ciese* "queijo", antigo alto alemão *kāsi* "queijo", do latim *cāseus* "soro de leite"; inglês antigo *pipor* "pimenta", do latim vulgar *piper* "grão de pimenta"; inglês antigo *pise*, antigo alto alemão *pfēise* "ervilha", do latim *pisa*, plural de *pisum* "ervilha"; inglês antigo *cole* "repolho", dialeto escocês *kail* "repolho", do latim

caulis "tronco, haste"; inglês antigo *tigele*, *tigle* "telha", inglês médio *tigel*, antigo alto alemão *ziagal*, do latim *tecula* "telha"; inglês antigo *fenestre* "janela", frisão antigo *fenestre*, antigo alto alemão *fenstar*, sueco *fönster* "janela"; a janela é uma inovação cultural oriunda da região do Mediterrâneo, mas desconhecida no norte da Europa até o século XVI. Com a adoção da janela do tipo romano, com vidro transparente, a palavra latina entrou no vocabulário de diversas línguas nórdicas, embora, em alguns casos persista também a forma nórdica *windowe* "por onde passa o vento". No inglês, a forma antiga era *fenestre*, mas foi suplantada pela forma *window*, de procedência dinamarquesa, *vindue*; inglês antigo *butere*, antigo alto alemão *butera*, holandês *boter* "manteiga"; a manteiga era de uso comum na Índia e Ásia Menor, mas desconhecida dos antigos romanos e gregos. Entre os gregos, a palavra foi introduzida por Hippócrates com o nome de *bouturon*, donde passou aos romanos; Plínio cita sob a forma *butyrum*. A forma nórdica com *t* indica que é um empréstimo muito antigo, mas há dúvidas quanto à sua procedência exata.

Outros empréstimos latinos muito antigos: inglês antigo *ynce* "polegada", do latim *uncia* (de *unus* "um"), a duodécima parte de um pé (medida); inglês antigo *cyrice*, frisão antigo, saxão antigo *kirk*, nórdico antigo *kirkja*, antigo alto alemão *kirihha* "igreja". A base de todas as palavras nórdicas para "igreja" é a palavra grega *kurios* "senhor, rei", derivada de *kuros*

“poder, autoridade”. Provém diretamente da palavra grega *kuriakón* “casa do Senhor”. A palavra foi introduzida aos povos nórdicos do oriente. Sua disseminação está ligada com o arianismo, no quarto século da nossa era. Inglês antigo *biscop*, antigo alto alemão *bischof*; originário do latim *episcopus* “bispo”, e este do grego *episkopos* “supervisor, superintendente”; inglês antigo *cāser*, gótico *kaisar*, antigo alto alemão *keisar* “imperador” do latim *Caesar*, cognome e título imperial.

Algumas centenas de palavras latinas entraram para o vocabulário das diversas tribos nórdicas do continente; algumas em poucas línguas, outras em muitas ou em quase todas. Esses empréstimos testificam o grande intercâmbio entre as duas culturas, e a forma de vários desses empréstimos mostram um contato bastante antigo, por exemplo, inglês antigo *cycene*, antigo alto alemão *kuchina*, inglês antigo *tigele*, antigo alto alemão *ziagal*, antigo alto alemão *kirihha* e o antigo inglês *cyrice*, o antigo inglês *pund*, antigo alto alemão *pfund* mostram que foram adquiridos antes da invasão das Ilhas Britânicas pelos anglo-saxões, e as palavras do antigo alto alemão indicam que foram tomadas antes da segunda mutação consonântica, pois as consoantes das palavras citadas acima sofreram o processo da segunda mutação consonântica (*zweite Lautverschiebung*). Os nórdicos são encontrados em todas as classes da sociedade romana, desde escravos a chefes militares. Inúmeros comerciantes, tanto nórdicos

como romanos movimentavam-se pelo Império. Especialmente depois da conquista da Gália, mercadores romanos eram encontrados em todas as partes do território germânico. Também havia muita intercomunicação entre as diversas tribos nórdicas, o que provocou a difusão de muitos termos latinos. As palavras adotadas indicam claramente os artefatos que os nórdicos adquiriram em contato com a civilização superior dos romanos. Um dos mais importantes aspectos do comércio dos romanos com os povos nórdicos era o comércio do vinho, como podemos ver através de um grande número de palavras que tratam dessa atividade. Também várias palavras ligadas com a arte de cozinhar e que podem indicar uma revolução nessa atividade depois do contato com os romanos. Muitos nomes de plantas e frutas desconhecidas dos povos nórdicos surgem nessa época. As palavras relacionadas com a guerra e o militarismo não são muitas, mas estão presentes. Também na arquitetura a presença da palavra *fenstar* pode indicar uma grande mudança na maneira de construir casas. Ao comparar essas palavras em conjunto verificamos que todas apresentam um aspecto concreto. Não foi a filosofia ou a legislação romanas que afetaram os antigos povos nórdicos; no seu estágio semi-bárbaro adotaram muitas palavras que representavam fatos materiais e que alteraram a sua vida diária. Adotaram principalmente palavras curtas de poucas sílabas que assemelhavam-se mais às características de suas línguas (4, p. 29-30).

Apesar desses extensos contatos entre as duas culturas, esses contatos não afetaram em nada a estrutura das línguas nórdicas. Elas apenas recebem um grande número de novas palavras que representam inovações culturais na área dos artefatos. Os povos nórdicos, nessa época, conseguiram assimilar os aspectos mais concretos e materiais da cultura romana.

(3) Os Empréstimos Latinos na Toponímia

(a) Histórico

A Conquista Anglo-Saxônica — De acordo com o Venerável Bede, historiador eclesiástico do norte da Inglaterra, em sua obra *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, a conquista anglo-saxônica da Inglaterra inicia-se no ano 449. Bede cita três tribos que conquistaram a Inglaterra: anglos, saxões e jutos, mas os mais importantes são os anglos e os saxões. Antes da invasão, os anglos habitavam originalmente a região do sul da Dinamarca e a província alemã limítrofe de Schleswig-Holnstein. Os saxões habitavam muito mais para o sul, compreendendo a região entre os rios Elba e Ems. Os anglos ocupam toda a região norte e central da Inglaterra até o rio Tâmsa. Os saxões ocupam o sul, a região que fica ao sul do rio Tâmsa. A germanização das Ilhas Britânicas se faz lenta e gradativamente, mas decisivamente durante os séculos VI, VII, até os meados do século VIII. Poucas áreas deixaram de ser ocupadas, somente a região montanhosa de Gales, norte da Escócia e Cornwall. Durante esses três

séculos esses povos nórdicos abandonam a vida semi-nômade de seus ancestrais e desenvolvem uma vida sedentária em pequenas cidades. Adotam o cristianismo e a agricultura se desenvolve sobremaneira. Três reinos principais se desenvolvem nessa época: Wessex, com a capital em Winchester, o mais importante e politicamente sólido, e os reinos da Mércia e Nortúmbria. Ao invadirem a Inglaterra, os anglo-saxões destroem os restos de uma frágil civilização romana que florescia especialmente no sul da Inglaterra, com centro em Londres. Os celtas são totalmente subjulgados nas regiões conquistadas, refugiando-se os que puderam nas regiões montanhosas de Gales e Escócia.

(b) Empréstimos

A influência desse tipo de empréstimos é extremamente diminuta, permanecendo apenas como nomes de lugares, ou os elementos latinos nos nomes de lugares. Não houve oportunidade de contato direto entre o inglês antigo e o latim na Inglaterra. As pouquíssimas palavras que entraram para a toponímia foram introduzidas através dos celtas. Também devemos nos lembrar que nem todos os lugares que apresentam elementos latinos remontam a antigas localidades romanas. Dentre os elementos latinos nos topônimos, os mais comuns são:

1. *Ceaster* — originário do latim *castra* "cidade ou praça fortificada e cercada". Evoluiu para a forma *chester*, por ex., (Man)*chester*,

(Dor)chester, Chester. Ocorre também a forma cester, como em (Glou)cester, (Lei)cester, (Wor)cester; também ocorre com a forma caster: (Lan)caster.

2. *Wic* — originário do latim *vīcus* “vila, aldeia”. Evoluiu para a forma *-wich*: (Har)wich, (Brom)wich, (Green)wich.

3. *Port* — originário do latim *portus* “porto”: (New)port, (South)port, Port (smouth).

4. *Castel* — originário do latim *castellum*, diminutivo de *castrum* “campo fortificado”; (New)castle, (Nor)castle.

5. *Weall* — originário do latim *vallum* “palissada de defesa”; (Corn)wall.

(4) Os Empréstimos Latinos Relacionados com a Cristianização

(a) Histórico

Aproximadamente no início do século VII a Inglaterra foi cristianizada e este fato teve grandes conseqüências sobre a vida e a civilização na Inglaterra. Durante os séculos VII e VIII testemunhamos o nascimento ou o desenvolvimento decisivo das principais instituições e idéias que deram força e caracterizaram não só a civilização na Inglaterra mas em toda a Europa. Entre as instituições estão a monarquia inglesa e a igreja cristã na Inglaterra. O primeiro fato importante para o cristianismo na Inglaterra foi a missão de Sto. Agostinho (597), com a finalidade de converter todo o país através das arquidioceses de Londres e de

York. A conversão foi também grandemente auxiliada pelo cristianismo celta do mosteiro de Iona, e no Sínodo de Whitby, em 663, foi aceita para todos a forma romana de cristianismo. Tão eficiente foi a transformação religiosa na Inglaterra que no século VIII, Bonifácio e Alcuíno, dois monges ingleses do norte da Inglaterra se tornam missionários entre os francos. Essa introdução do cristianismo trouxe um grande número de palavras latinas necessárias à expressão de um grande número de novos conceitos relacionados com o cristianismo.

(b) Empréstimos.

Inglês antigo *preost*, antigo nórdico *prestr*, antigo alto alemão *priestar* “sacerdote, padre”; do latim *presbyter*, e este do grego *presbyteros* “ancião da igreja”; inglês antigo *apostol*; do latim *apostolus*, e este do grego *apostolos* “enviado”; inglês antigo *munuc*, antigo alto alemão *munih* “monge”; do latim vulgar *monicus*, e este do grego *monakhos* “um solitário”, de *monos* “um”; inglês antigo *candel* “vela”, do latim *candela* “vela”, de *candere* “brilhar”; inglês antigo *diacon*, antigo alto alemão *diacuno* “diácono”, “servo”; do latim *diaconus* “servo”, e este do grego *diakonos* “servo”, inglês antigo *scrin* “relicário, ermioa”; do latim *scrinium* “um estojo circular”; inglês antigo *discipul* “discípulo”; do latim *discipulus* “discípulo, aquele que aprende”; inglês antigo *anchoreta*, depois para *ancor* “ermitão”; do latim *anachoreta*, e este do grego *anakhoretēs* “ermitão”, do verbo *anakhorein* “retirar-se”.

A presença de um bom número de palavras latinas, mas de origem grega, é significativa, especialmente porque são, no conjunto, palavras que indicam elementos mais concretos do cristianismo, de acordo com o nível cultural dos povos nórdicos nessa época. São termos como sacerdote, ancião, monge, diácono, ermitão; resultado da primeira grande onda de cristianização, não só na Inglaterra, mas em toda a Europa. Na Alemanha isto ocorre no primeiro período carolíngio, com Carlos Martel e Carlos Magno (sec. VIII), com termos como *canunih* "canonicus", *diacuno* "diácono", *priestar* "padre", e muitos outros, calcados, principalmente nos termos gregos neotamentinos. Outras palavras introduzidas pelo cristianismo:

Inglês antigo *sioloc*, *seoloc*, antigo alto alemão *silecho*, "seda"; do latim *serica vestis* "vestuário de seda"; inglês antigo *cist* "caixa, armário"; do latim *cista* "cesta, armário"; inglês antigo *bete* "beter-raba"; do latim *beta*, cognato de *blitum*, este do grego *bliton* "beter-raba"; inglês antigo *planto* "planta"; do latim *planta* "planta, broto"; inglês antigo *escol*, antigo nórdico *skoli*, antigo alto alemão *scuola* "escola"; do latim *schola* "escola"; inglês médio *maister*, antigo alto alemão *meister* "mestre, chefe"; do latim *magister* "mestre, professor"; inglês médio *gramere* "gramática"; do latim *grammatica*, e este do grego *grammatikē*, de *techne grammatike* "(arte da) gramática".

Como podemos observar através destes empréstimos acima, a cris-

tianização teve grandes resultados sobre o vocabulário da língua, como consequência da adoção de um grande número de fatos ligados com o cristianismo. Essa influência não se restringiu a termos especificamente religiosos, mas a um grande número de fatos introduzidos nessa época, inclusive termos ligados com a educação, o que vem demonstrar a grande influência da igreja cristã sobre este aspecto.

No fim do século VIII os dinamarqueses começaram a pilhar o norte da Inglaterra, e muitos mosteiros e igrejas ficaram reduzidos a ruínas. Isto provocou um declínio da influência da igreja. Mas na última metade do século X, os mosteiros de Canterbury, Winchester e York iniciaram um reavivamento do monasticismo, de acordo com princípios beneditinos. Um bom número de mosteiros importantes foram reorganizados. Um dos objetivos desse movimento foi uma melhoria da educação na Inglaterra, com o estabelecimento de novas escolas e o incremento do conhecimento. No final do século X os mosteiros tinham se tornado novamente centros de conhecimento e atividade literária.

Como resultado dessa nova atividade literária, uma nova série de empréstimos começaram a aparecer. Mas esses empréstimos diferem bastante dos primeiros empréstimos de origem cristã, por serem menos concretos e relacionados com os campos científicos e erudito. Surgem, também, outros empréstimos de natureza religiosa, mas também dentro dessa nova caracterização.

1. De natureza religiosa:

Inglês antigo *creda*, inglês médio *crede*; do latim *credo* "eu creio", depois, "credo"; inglês médio *demon* "mau espírito"; do latim vulgar *daemonium*, do grego *daimonion* "mau espírito"; inglês médio *idole* "ídolo"; do latim vulgar *idolum* "ídolo"; inglês médio *basilica* "basílica"; do latim *basilicum*, e este do grego *basilikon* "edifício real", "igreja nobre"; inglês médio *prophete* "profeta"; do latim vulgar *prophete*, e este do grego *prophetes* "aquele que prediz"; inglês médio *sabat*, *sabbath* "sábado"; do latim vulgar *sabbatum* "sábado", e este do hebraico *shabbath* "sábado, dia de descanso".

2. De natureza erudita:

Accent "acento", *decline* "declinar", *history* "história", *paper* "papel", *title* "título"; também grande número de nomes de plantas, por exemplo: *verbena* "verbená", *cucumber* "pepino", *ginger* "gengibre", *coriander* "coentro"; também alguns nomes de árvores, por exemplo: *cedar* "cedro", *cypress* "cipreste", *fig* "figo", *laurel* "louro"; termos médicos: *cancer* "câncer", *paralysis* "paralisia", *scrofula* "escrófula", *plaster* "emplastro"; nomes de animais: *aspide* "áspide" (cobra), *camel* "camelo", *lamprey* "lampréia", *scorpion* "escorpião", *tiger* "tigre"; ainda algumas palavras mais raras: *epactas* "epacta" (astronomia), *cathedra* "cátedra", *apostata* "apóstata", *cometa* "cometa", *bissexta* "bissexta", *biblioteca* "biblioteca", *prologus* "prólogo".

De modo geral, estes empréstimos latinos posteriores entram através de livros ou através da influência dos mosteiros. Nem todos esses empréstimos se fixaram definitivamente na língua; muitos desapareceram, outros foram reintroduzidos depois da conquista normanda.

Uma forma de se verificar a extensão de uma influência externa é através do número de empréstimos realmente fixados na língua. Como resultado da influência do cristianismo, calcula-se que pelo menos 350 empréstimos de origem latina entraram para o vocabulário inglês até o fim do século X. Outra forma de se testar a incorporação de uma palavra na língua é através do grau de sua assimilação; é verificar até que ponto as palavras foram assimiladas e tornaram-se relativamente indistinguíveis das demais palavras nativas, ao entrarem em compostos e serem transformadas em outras categorias que não aquelas através da qual foi introduzida na língua. É o caso, por exemplo, das palavras *plant* "planta", *martyr* "mártir", *verse* "verso", *gloss* "glossa", e *crisp* "encaracolado", que se transformaram em verbos: *plantian* "plantar", *gemartyrian* "tornar-se mártir", *fersian* "versificar", *glesan* "glosar", *crispian* "encaracolar", *martyrdom* "martírio", *sacerdhad* "sacerdócio", de *sacerd* "sacerdote", *biscopscir* "diocese".

(5) Os Empréstimos Dinamarqueses

(a) Histórico

Perto do fim do século VIII os primeiros ataques dos Vikings são

observados na Inglaterra. Num primeiro estágio, eles surgem inesperadamente a bordo de longos barcos de uma só vela, saqueiam tudo o que podem e depois desaparecem. Num segundo estágio, quase um século depois, os Vikings passam à invasão sistemática e à ocupação de território, especialmente quando perceberam que não havia nenhuma resistência organizada, exceto no sul. Os vikings dinamarqueses, com o tempo, chegam a ocupar quase todo o norte e centro da Inglaterra, chegando a cruzar o Rio Tâmsa. O sul da Inglaterra é preservado graças à atuação do Rei Alfredo o Grande (871-899). Depois de sofrer algumas derrotas o Rei Alfredo consegue derrotar os dinamarqueses chefiados por Guthrum, com a assinatura do Tratado de Wedmore em 886. Mesmo assim, o Rei Alfredo teve que concordar com a dominação dinamarquesa em grande parte do reino da Mércia. Até a véspera da conquista normanda, a Inglaterra ficará dividida politicamente em vários reinos, i.e. Northumbria, Mercia, Anglia Oriental, e Wessex, cada reino com um rei sem qualquer prestígio. Em 1042 sobe ao trono de Wessex Eduardo o Confessor. Eduardo o Confessor é o rei que vai preparar o caminho para a conquista normanda; seus interesses estavam principalmente na França e na Normandia. O domínio dinamarquês chega ao seu apogeu com o reinado de Canuto (Knut), de 1014 a 1042.

(b) Empréstimos

A maior dificuldade para o estudo da contribuição dinamarquesa ou Viking está na grande seme-

lhança entre as duas línguas. Enquanto em uns poucos lugares os dinamarqueses abandonaram a sua língua, havia muitas comunidades na qual o dinamarquês ou uma forma do nórdico permaneceu durante muito tempo a língua mais comum. Até às vésperas da conquista normanda essa língua dinamarquesa era constantemente reforçada através da migração e do comércio. Em algumas partes da Escócia o dinamarquês foi falado até o século XVII. O problema de separar as influências dinamarquesas se complica mais porque no período do inglês médio o inglês que ressurgiu não é mais o saxão ocidental do sul mas uma forma do dialeto mércio, chamado também de "Midland". Entretanto, em alguns casos é possível distinguir as palavras, observando certas alterações fonéticas que separam os grupos nórdico e ocidental.

1. *Evolução do grupo -sk* — No saxão ocidental do fim do período antigo, o grupo *sk* se transforma em *s*, embora escrito *sc*. No grupo nórdico, tal não aconteceu, mantendo-se a forma com *sk*. Portanto, palavras como *ship*, *shall*, *fish* são evoluções do saxão ocidental, ao passo que palavras como *sky*, *ski*, *skin*, *skill*, *scrub*, *scrape*, *bask*, *whisk* são de origem dinamarquesa ou dos dialetos do norte da Inglaterra. A palavra *shirt* "camisa", vem do saxão ocidental *scyrte*, enquanto a palavra *skirt* "sala" vem da forma nórdica *skyrta*. O sentido das duas palavras também denota influência nórdica no segundo item.

2. *Evolução das consoantes k e g* — Nos dialetos do sul da Inglaterr-

ra, essas consoantes se palatizavam diante de vogais anteriores, mas se conservam nas regiões de influência dinamarquesa. Isto pode ser exemplificado através das palavras *egg* "ovo", *ditch* "fosso", *chetel* "chaleira", *yift* "presente".

- a. Inglês antigo *aeg*, inglês médio *ey*; antigo nórdico *egg* "ovo".
- b. Inglês antigo *dīc*, inglês médio *dich*, *ditch* "vala, fosso"; antigo nórdico *dīk*, forma moderna *dike* "dique".

c. Inglês antigo *cetel*, inglês médio *chetel*; antigo nórdico *ketill*, forma moderna *kettle* "chaleira".

d. Inglês antigo *gift*, inglês médio *yift* "preço da noiva"; antigo nórdico *gift* "presente".

e. Inglês antigo *gietan*, *gitan* "encontrar"; antigo nórdico *geten* "conseguir, obter".

3. *Influência sobre os pronomes* — O sistema de pronomes do inglês antigo era o seguinte:

Singular

N	<i>ic</i>	"eu"	<i>pū</i>	"tu"	<i>hē</i>	"ele"	<i>hēo</i>	"ela"	<i>hit</i>	"ele, ela" (neutro)
G	<i>mīm</i>		<i>pīn</i>		<i>his</i>		<i>hiere</i>		<i>his</i>	
D	<i>mē</i>		<i>pē</i>		<i>him</i>		<i>hiere</i>		<i>him</i>	
A	<i>mē</i>		<i>pē</i>		<i>hine</i>		<i>hie</i>		<i>hit</i>	

Plural

N	<i>wē</i>	"nós"	<i>ge</i>	"vós"	<i>hī(e)</i>	"eles elas"
G	<i>ūre</i>		<i>ēower</i>		<i>hīera</i>	
D	<i>us</i>		<i>ēow</i>		<i>him</i>	
A	<i>us</i>		<i>ēow</i>		<i>hī(e)</i>	

No inglês antigo, o sistema funcionava, mas depois, com a tendência para o nivelamento das vogais finais, formas com *hē* "ele", *hī(e)* "eles", *hiere* "dele", *hiera* "deles", *heo* "ela", provocavam muita confusão e ambigüidade. A adoção das formas dinamarquesas para o plural iniciou-se primeiramente no norte e centro da Inglaterra, e depois alastrou-se para o sul. Foram adotadas as seguintes formas: *they* "eles", do antigo nór-

dico *pei(r)*, originalmente o nominativo plural masculino do artigo; *them* "os, as", do antigo nórdico *peim*, originalmente o dativo plural do mesmo artigo; *their* "deles", do antigo nórdico *peira*, *peirra*, originalmente o genitivo plural do mesmo artigo.

4. *Influência sobre os topônimos*

a. Topônimos terminados em *-by* — Há mais de 600 localidades

com nomes como Grimsby, Whitby, Derby, Rugby, Thoresby, e quase todos eles nos territórios anteriormente ocupados pelos dinamarqueses. Percebemos daí, quão grande foi a influência dinamarquesa. A terminação *-by* significa “fazenda” ou “cidade”; aparece também no composto *by-law* “lei da cidade”.

b. Topônimos terminados em *-thorp* — Há mais de 300 localidades com nomes como Althorp, Bishopsthorpe, Gawthorpe, Linthorpe.

5. Influência sobre o vocabulário

a. Os primeiros empréstimos estão relacionados com as atividades desenvolvidas pelos Vikings: *barda* “navio viking”, *lib* “frota”, *dreng* “guerreiro”, *batswegen* “piloto”, *cnearr* “pequeno navio de guerra”. Entretanto, esses empréstimos geralmente se perderam depois da conquista normanda.

b. Os empréstimos posteriores são difíceis de serem distinguidos porque a civilização dos invasores era muito semelhante à dos ingleses, e portanto, contribuíram com palavras de uso diário e comum, e que foram muitas vezes adotadas também devido à grande semelhança com as formas nativas. Notamos especialmente algumas palavras relacionadas com o sistema legal característico dos dinamarqueses no território sob seu domínio (Danelaw). Temos: *law* “lei”, *outlaw* “fora da lei”, *mal* “mover uma ação”, *hūsting* “assembleia”. Palavras facilmente distinguíveis: *sister* “irmã”, do antigo nórdico *syster*, oposto a *sweostor* do inglês

antigo; *loan* “empréstimo”, do antigo nórdico *lan*, oposto a *laen* do inglês antigo; *take* “tomar”, do antigo nórdico *taka*, oposto a *niman* do inglês antigo; *cast* “lançar”, do antigo nórdico *kasta*, oposto a *weorpan* do inglês antigo com o mesmo sentido; *bark* “latir”, do antigo nórdico *barka*, oposto à forma *rind* do inglês antigo com o mesmo sentido; *sky* “céu”, do antigo nórdico *sky*, oposto a *uprodor* do inglês antigo.

(6) Os Empréstimos Normandos

(a) Histórico

Com a morte de Eduardo o Confessor, Haroldo, irmão de Edgyth, mulher de Eduardo, foi escolhido como rei do reino de Wessex, pelo Witan (Conselho de nobres da corte). Mas o duque da Normandia, Guilherme, que era primo de Haroldo, reclamou o trono, dizendo, inclusive, que Eduardo o Confessor quando ainda vivo tinha lhe prometido o trono do reino de Wessex. De qualquer maneira, Guilherme consegue o trono do reino de Wessex e depois de toda a Inglaterra através da força das armas. Ele contava também com o apoio da Igreja. Depois de reunir um exército relativamente numeroso, Guilherme invade a Inglaterra e na Batalha de Hastings (14 de outubro de 1066), Haroldo é derrotado. A vitória de Guilherme se deve muito mais ao melhor preparo e à melhor qualidade do exército normando, como também ao completo desinteresse da população na questão da sucessão real. A Inglaterra dessa época é uma Inglaterra completamente desunida em resultado da

incapacidade dos seus reis, exceto alguns reis da Casa de Winchester, como Alfredo e Athelstan, que tiveram grande prestígio entre o povo. No dia de Natal de 1066 Guilherme é coroado Rei da Inglaterra pelo arcebispo de York.

Entretanto, ao lado desses acontecimentos históricos, desde o tempo de Alfredo o Grande que a Inglaterra se desenvolvia culturalmente. Alfredo traduziu inicialmente diversas obras religiosas para que os nobres da corte e os demais nobres do país pudessem adquirir os rudimentos de conhecimento de história e filosofia, até então dentro do alcance dos que conheciam o latim. Depois Alfredo traduziu a *História Ecclesiastica* do Venerável Bede e outras obras importantes. Ele mesmo fundou uma escola em sua própria corte, onde os filhos dos nobres de todo o país pudessem se educar. No reinado de Athelstan, neto do Rei Alfredo, o continuador da tradição do seu avô, a corte inglesa era um lugar de reunião para muitos príncipes importantes da Europa. Com o reavivamento do conhecimento, pouco a pouco os interesses da população foram se refinando e também se inicia um reavivamento e desenvolvimento dos grandes centros urbanos.

Com o início do reinado de Canuto, o rei dinamarquês, o processo continua. Ele não foi um simples conquistador, mas um grande legislador. Entretanto, depois de Canuto, grandes intrigas entre os reis e a nobreza debilitam a imagem da corte entre a população. Quando Eduardo o Confessor morre e Ha-

roldo é escolhido rei, a população estava totalmente indiferente ao fato, e foi o que ajudou a conquista de Guilherme, o duque da Normandia. Culturalmente e socialmente, o estabelecimento dos normandos trouxe para a Inglaterra o sistema feudal normando, o país sendo dividido entre aproximadamente 200 barões fiéis a Guilherme. O estabelecimento da corte de Guilherme em Londres abriu bem as portas para as influências francesas, que Eduardo o Confessor já tinha aberto um pouco. Com esse fato, a Inglaterra passa a fazer parte integrante do sistema cultural e social da Europa Ocidental.

(b) Empréstimos

A grande influência de vulto sobre o inglês médio é a influência normanda. De modo geral, os normandos representavam uma cultura muito mais refinada. Eles tinham uma literatura própria. Tornaram-se senhores da Inglaterra durante muito tempo. Os normandos passaram a constituir a aristocracia em detrimento dos antigos nobres ingleses. Isto provocou grandes mudanças no vocabulário, mas essa influência só se manifesta decisivamente após decorridos dois séculos de dominação, entre 1250 e 1400. A seguir, apresentaremos dez classes de empréstimos, dentro da influência normanda. Em todas elas, entretanto, há uma base comum, bastante diferente dos empréstimos anteriores, que é o grande refinamento e avanço cultural expresso por esses empréstimos. Os únicos empréstimos anteriores que podem ser comparados com os empréstimos normandos, e que têm

alguma relação com os empréstimos normandos são os empréstimos latinos posteriores, resultado do reavivamento monástico por volta do final do século X. Entretanto, como já foi expresso, essa situação vinha sendo preparada desde o tempo de Alfredo o Grande. Esses empréstimos também indicam claramente o tipo de relacionamento entre normandos e ingleses (os saxões, como eram chamados na época, e impõe à força uma nova estrutura social, política e cultural na Inglaterra. Todo esse relacionamento está baseado no sistema feudal, bastante diferente da situação anterior, e que coloca a Inglaterra dentro do campo de influência direta da Europa Ocidental, e principalmente da França, que era o centro cultural dessa época.

1. *Termos que designam a aristocracia, governo e administração* — *crown, state, government, reign, realm, sovereign, country, power, minister, chancellor, council, authority, parliament*.

2. *Termos de natureza política* — *people, nation*; no inglês antigo o termo para povo era *peod*, cognato com o gótico *piuda*, antigo alto alemão *diot* “dieta” (parlamento).

3. *Termos que indicam o feudalismo* — *fief* “terra assegurada em consequência de serviço prestado a um superior, uma propriedade feudal”, termo franco-normando, mas de origem nórdica. *Feud, feudal* “direito de propriedade feudal (territorial)”. É termo em última instância derivado do termo nórdico que designa “gado”: gótico *faihu*, antigo nórdico *fē*, inglês antigo

feoh, antigo alto alemão *fihu*, alemão moderno *Vieh*. O velho termo do inglês antigo *fee* “propriedade pessoal (territorial)” é da mesma origem; encontramos também no francês antigo *fius, fieus*, e no francês médio *fief* “terra assegurada em consequência de serviço prestado a um superior, propriedade feudal”, de origem franco-normanda, tomado dos francos (povo nórdico), que deram origem ao sistema feudal. Também é da mesma origem o termo do latim medieval *feudum*, do antigo alto alemão *fehu* “gado” + *ot* “posse”, portanto “posse de gado”, donde “direito de propriedade feudal”. Outros termos intimamente ligados ao feudalismo: *vassal* “vassalo”, *liege* “senhor de feudo, soberano”, *prince* “príncipe”, *duke* “duque”, *marquis* “marquês”, *viscount* “visconde”, *baron* “barão”, *corteous* “cortês”, *noble* “nobre”, *glory* “glória”, *heraldry* “heráldica”, *refinement* “refinamento”.

4. *Termos militares* — Como os normandos tinham em suas mãos o controle militar, um grande número de palavras indicam fatos ligados ao militarismo: *war* “guerra”, embora de origem nórdica, foi introduzido no inglês pelos normandos, com a forma normanda *werre*, oposto ao francês *guerre*; do antigo alto alemão *werra* “luta, confusão, guerra”. Outros termos: *peace, battle, arms, armour, mail, lance, dart, banner, ensign, assault, siege, officer, lieutenant, sergeant, soldier, troops, vessel, navy, enemy, spy, prison, march, force, company, guard*.

5. *Termos jurídicos* — *justice, just, judge, jury, sue, defendant*,

plea, cause, session, attorney; accuse, crime, guilty, innocent, damage, heritage, penalty, privilege.

6. *Termos eclesiásticos — religion, theology, saviour, saint, relic, cloister, friar, clergy, parish, baptism, sacrifice, homily, altar, miracle, preach, pray, sermon, virtue, vice, duty, conscience, charity, covet, desire, jealous, pity.*

7. *Termos relativos à comunicação ou a relações entre normandos e anglo-saxões — Sir, madam, master, servant, command, obey, order, rich, poor, money.*

8. *Termos que indicam moda, cozinha e vida social — habit, gown, robe, attire, cloak, collar, button, dinner, supper, feast; appetite, taste, victuals, beef, veal; mutton, porc, venison, sauce boil, fry, roast, toast, soup, sausage, jelly, curtain, couch, chair, cushion, lamp, blanket, parlour, wardrobe, recreation, leisure, dance, revel, music, conversation.* É muito interessante notar que o nome de pratos com carne de determinados animais, por exemplo, *beef* “carne de vaca”, *veal* “carne de vitela”, *mutton* “carne de carneiro”, *pork* “carne de porco”, por se constituírem refinamento na arte de cozinhar, são empréstimos normandos, mas os animais vivos, *cow* “vacca” ou *bull* “boi”, *heifer* “vitela”, *sheep* “carneiro”, *pig* “porco”, são palavras de origem nórdica.

9. *Termos que indicam arte e erudição — art, painting, sculpture, colour, figure, image, palace, mansion, ceiling, chimney, tower, porch, column, pillar, post, rime,*

prose, romance, tragedy, comedy, volume, pen, treatise, study.

10. *Outros termos — adventure, affection, air, bucket, business, calendar, city, comfort, courage, marriage, mason, mischief, notice, ocean, opinion, pair, poverty, quality, season, strife, tailor, tavern, vision, waste, abundant, active, actual, amorous, precious, luxurious, approach, arrange, arrive, carry, chase, deceive, flatter, flourish, destroy, nourish, observe, pay, pierce, please, praise, prefer, pursue, push, receive, literature, education, ignorance, charity.*

(7) Considerações Finais e Conclusão

Através de toda essa longa história dos empréstimos no inglês, desde os primeiros empréstimos celtas (*binn, bratt*), os primitivos empréstimos latinos (*wine, camp, kettle*), os empréstimos posteriores (*apostle, disciple*), os empréstimos dinamarqueses (*skirt, dike*), até os empréstimos normandos (*justice, noble, people*), podemos observar uma série de desenvolvimentos e fatos importantes que podem ser aplicados em maior ou menor grau a outras línguas.

A principal conclusão sociolinguística desse estudo é a seguinte: a história dos empréstimos, se realmente analisada e esquadrihada, é principalmente uma amostra ou um índice do desenvolvimento cultural de determinado povo; de suas conquistas culturais.

Cada empréstimo encerra em si toda uma história de descobertas,

FROEHLICH, P. A. O problema sociolinguístico dos empréstimos: alguns aspectos no inglês. *Alfa*, São Paulo, 24:73-92, 1980.

das procedências dessas descobertas, e em muitos casos, um eventual sobrepujamento dessas descobertas para dar lugar a novos interesses, a novos empréstimos significativos de novas descobertas.

Especialmente nos nossos dias presenciamos o surgimento de um grande número de empréstimos de muitos tipos, que surgem, não de um único povo ou cultura, mas praticamente de quase todos os povos e culturas, o que significa que o ser humano deixou de ser estritamente nacionalista, para se

transformar em internacionalista. Prova disto são as palavras e logogramas como ONU, UNESCO, OMS, UNICEF, que correm por todo o mundo independentemente de país ou cultura.

O estudo apresentado acima é apenas um rápido resumo das principais características dos empréstimos no inglês, para mostrar ao mesmo tempo, o grande valor que classes de empréstimos têm, dentro de uma língua, e também o valor particular de cada empréstimo.

FROEHLICH, Paulo A. The sociolinguistic problem of loan-words: some aspects in English. *Alfa*, São Paulo, 24:73-92, 1980

ABSTRACT: The author proposes in this work to show the basic aspects of loan-words. It emphasizes how the different types of contact among the nations involved in the borrowing process, and how the cultural level of each people exerted a great influence in the mechanism of borrowing. It highlights the problem in English, since the early Celtic loans till the Norman period. It is an attempt to write a cultural history through loan-words.

UNITERMS: Loan-word; Cultural contact; Diffusion; Conquest; Cultural history.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York, Henny Holt, 1933.
2. FORREST, R.A.D. *The Chinese language*. London, Faber & Faber, 1948.
3. JESPERSEN, Otto. *Language: its nature, development and origin*. London, George Allen & Unwin, 1954.
4. JESPERSEN, Otto. *Growth and structure of the English language*. Oxford, Basil Blackwell, 1962.
5. LEPARGNEUR, H. Espírito da metodologia. In: *Introdução aos estruturalismos*. São Paulo, Herder e USP, 1972.
6. TWADELL, W.F. The prehistoric Germanic short syllabics. *Language*, New York, 24: 139, 1948.

FROEHLICH, P. A. O problema sociolinguístico dos empréstimos: alguns aspectos no inglês. *Alfa*, São Paulo, 24:73-92, 1980.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BAUGH, A.C. *A history of the English language*. London, Routledge & Kegan Paul, 1957.
2. ————. *A literary history of England*. New York, Appleton, Century-Crofts, 1948.
3. BRANE, W. *Althochdeutsche Grammatik*. Halle, 1955.
4. BRAUNE, W. & HELM, K. *Gotische Grammatik*. Halle, 1952.
5. BRIGHT, W., comp. *Sociolinguistics*. Mouton, The Hague, 1966.
6. CAMPBELL, A. *An old English grammar*. Oxford University Press, 1959.
7. FISHMANN, J.A., comp. *Readings in the sociology of language*. Mouton, The Hague, 1970.
8. GRIMM, Jakob. *Deutsche Grammatik*. Gutersloch, 1893.
9. HYMES, D., comp. *Language in culture and society*. Tokyo, John Weatherhill, 1966.
10. JERROLD, D. *An introduction to the history of England*. London, Collins, 1949.
11. JESPERSEN, Otto. *A modern English grammar on historical principles*. London, George Allen & Unwin, 1954. V. 1.
12. LIEBERSON, S., comp. Explorations in sociolinguistic. In: *International Journal of American Linguistics*. Bloomington, 1967.
13. MEILLET, A. *Caractères généraux des langues germaniques*. Paris, Hachette, 1949.
14. PRIDE, J.B. & HILMES, J. *Sociolinguistics*. Harmondsworth, Penguin Books, 1972.
15. PROKOSH, E. *A comparative Germanic grammar*. Philadelphia, Linguistics Society of America, 1939.
16. QUIRK, R. & WRENN, C. L. *An old English grammar*. London, Methuen, 1955.
17. ROSS, A.S.C. *Etymology*. London, Andre Deutsch, 1958.
18. SAPIR, E. *Language: an introduction to the study of speech*. New York, Hartcourt & Brace, 1921.
19. SWEET, H. *A new English grammar*. Oxford, Univ. Press, 1955.
20. THEODOR, E. *A lingua alemã*. São Paulo, Herder, 1963.
21. TREVELYAN, G.M. *History of England*. London, Longmans, 1952.
22. WARDELE, E.E. *An old English grammar*. London, Methuen, 1950.
23. WRIGHT, J. *An old English grammar*. Oxford, Univ. Press, 1952.

DICIONARIOS

24. BUCH, C.D. *A dictionary of selected synonyms in the principal Indo-European languages*. Univ. of Chicago Press, 1949.
25. MEYER-LUBKE. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, 1935.
26. PARTRIDGE, O. *Origins: a short etymological dictionary of modern English*. London, Routledge & K. Paul, 1958.
27. SKEAT, W. W. *An etymological dictionary of modern English*. Oxford, Univ. Press, 1956.
28. HOFFMANN, W. *Lateinsches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, Carl Winter, 1938.